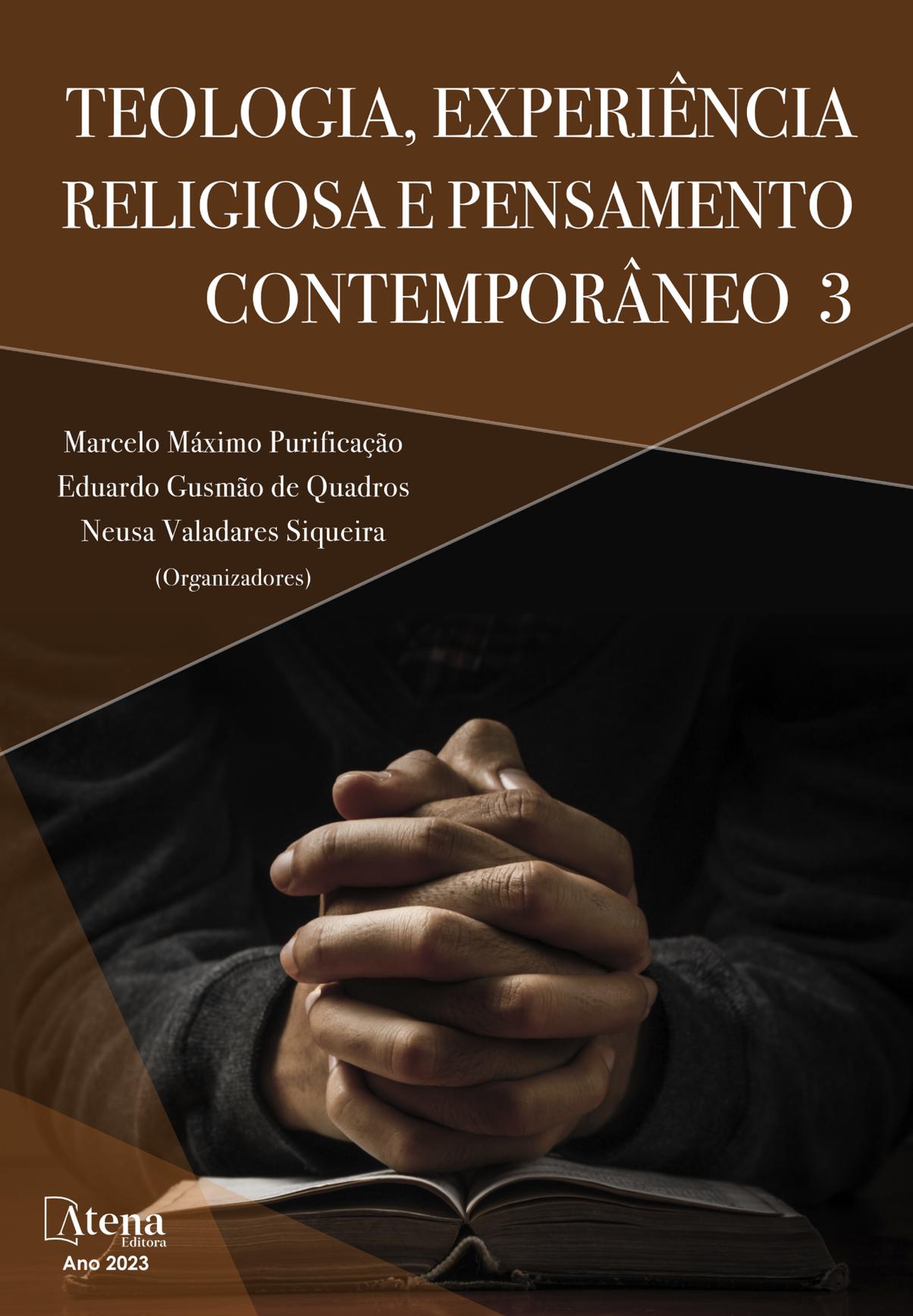


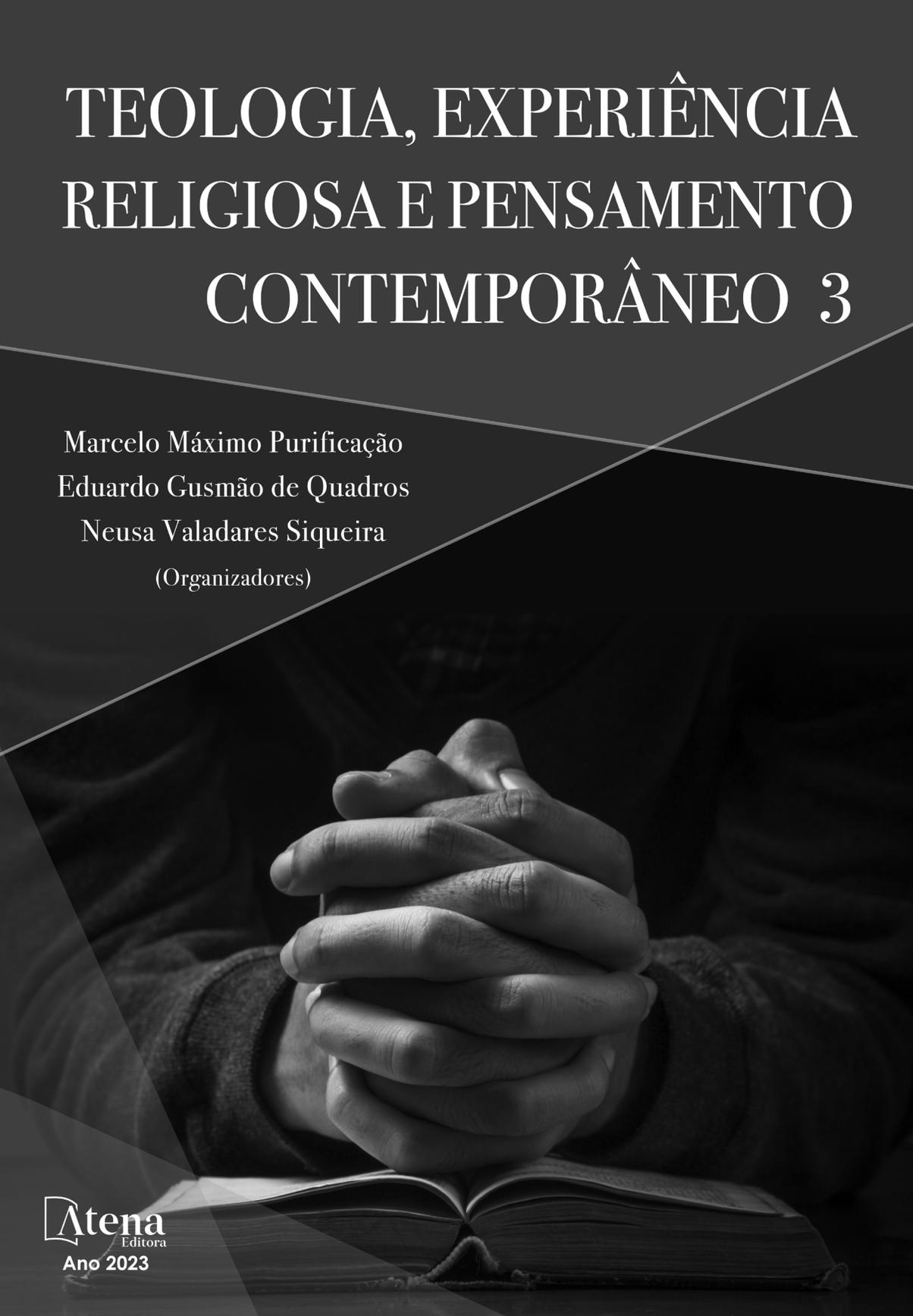
TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 3

Marcelo Máximo Purificação
Eduardo Gusmão de Quadros
Neusa Valadares Siqueira
(Organizadores)



TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 3

Marcelo Máximo Purificação
Eduardo Gusmão de Quadros
Neusa Valadares Siqueira
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Eduardo Gusmão de Quadros
 Neusa Valadares Siqueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eduardo Gusmão de Quadros, Neusa Valadares Siqueira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-1048-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.485231502>

1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Quadros, Eduardo Gusmão de (Organizador). III. Siqueira, Neusa Valadares (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Caros leitores, saudações.

Apresentamos a obra “ Teologia, Experiência Religiosa e Pensamento Contemporâneo 3”, organizada em 4 capítulos, sistematizada nos diálogos de pesquisadores da Universidad Adventista del Plata (UAP), Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do Tocantins (UFT- Porto Nacional), Associação Latino Americana de Literatura e Teologia (ALALITE), Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (UNIFIMES), Universidade Estadual de Goiás – (UEG) e Pontificia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). O primeiro capítulo tem como tema: Desafíos en la construcción de una teología veterotestamentaria: breve evaluación y contribuciones, onde os autores André L. Vasconcelos e Eduardo Rueda Neto, discutem três dos principais desafios relacionados com o desenvolvimento de uma teologia do Antigo Testamento: o cânon do Antigo Testamento e sua relação com o Novo Testamento; variação literária e temática no Antigo Testamento; e a natureza descritiva/prescritiva do Antigo Testamento. No segundo capítulo – Ensino religioso e a Base Nacional Comum Curricular - Rosileide Batista Glória e Valdir Aquino Zitzke -, discorrem sobre o primeiro documento curricular proposto pelo Ministério da Educação, em nível nacional, que orienta a oferta do Ensino Religioso, a BNCC, trazendo à tona o processo de discussão do Ensino Religioso na legislação brasileira, considerando as diferentes discussões até a sua implantação nas escolas após da aprovação da BNCC. No terceiro capítulo - Contemplando o nascimento de Jesus: as representações do ícone da Natividade na arte sacra - Wilma Steagall De Tommaso -, apresenta e desenvolve teologicamente os simbolismos presentes na cena do Nascimento de Jesus (Natividade), mostrando que o ícone da Natividade já aponta para a Ressurreição, e que esse mistério não diz respeito apenas ao ser humano, mas se refere à toda a Criação. O quarto capítulo - Sagrado, violência escolar e cultura de paz, na perspectiva de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública em Goiás - Marcelo Máximo Purificação, Eduardo Gusmão de Quadros e Neusa Valadares Siqueira -, investigam, como se formam ou não os conflitos relacionais no ambiente escolar com alunos, professores e alunos, demais profissionais da educação e alunos, segundo a percepção de alunos do 9º ano, e se o Sagrado pode contribuir para uma cultura de paz no ambiente escolar. Tais temas, discutidos e vistos através da lupa teórica da Teologia/ Ciências da Religião, ajudam a trazer o discurso religioso e a religiosidade para diferentes contextos. Portanto, um livro de grande contribuição reflexiva e dialógica que pode contribuir para a ampliação do diálogo teológico e sua sintonia com campos afins como as ciências sociais e humanas. Desejamos a

todos uma boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Eduardo Gusmão de Quadros
Neusa Valadares Siqueira

CAPÍTULO 1	1
DESAFÍOS EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA TEOLOGÍA VETEROTESTAMENTARIA: BREVE EVALUACIÓN Y CONTRIBUCIONES	
André L. Vasconcelos	
Eduardo Rueda Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4852315021	
CAPÍTULO 2	8
ENSINO RELIGIOSO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	
Rosileide Batista Glória	
Valdir Aquino Zitzke	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4852315022	
CAPÍTULO 3	24
CONTEMPLANDO O NASCIMENTO DE JESUS: AS REPRESENTAÇÕES DO ÍCONE DA NATIVIDADE NA ARTE SACRA	
Wilma Steagall De Tommaso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4852315023	
CAPÍTULO 4	38
SAGRADO, VIOLÊNCIA ESCOLAR E CULTURA DE PAZ, NA PERSPECTIVA DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM GOIÁS	
Marcelo Máximo Purificação	
Eduardo Gusmão de Quadros	
Neusa Valadares Siqueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4852315024	
SOBRE OS ORGANIZADORES	63
ÍNDICE REMISSIVO	65

CONTEMPLANDO O NASCIMENTO DE JESUS: AS REPRESENTAÇÕES DO ÍCONE DA NATIVIDADE NA ARTE SACRA

Data de submissão: 13/01/2023

Data de aceite: 01/02/2023

Wilma Steagall De Tommaso

Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP (2013). Atualmente é pesquisadora colaboradora da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (ALALITE), pesquisadora colaboradora da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), professora convidada - Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS) e professora pesquisadora do LABÔ da PUC-SP
<http://lattes.cnpq.br/8209900139809763>
Site: <https://wilmatommaso.com.br/>

RESUMO: O presente texto tem por objetivo apresentar e desenvolver teologicamente os simbolismos presentes na cena do Nascimento de Jesus (Natividade). Para auxiliar nesta tarefa, valemo-nos abundantemente de autores da tradição ortodoxa, que tem os ícones como elemento central em sua fé. Iniciamos a nossa exposição remetendo-nos ao sentido dado por São Francisco de Assis ao presépio, para, em seguida, nos determos no ícone da Natividade escrito por Andrei Rublev, no século XV. O sentido central destes símbolos, naturalmente, desenvolve o significado da Encarnação - testemunhando

os dogmas da fé cristã. No ícone, porém, também há a preocupação em mostrar o efeito do Mistério sobre a vida do mundo. Por isso, percorreremos o ícone, em primeiro lugar, desenvolvendo os simbolismos expressos pela figura do Menino Jesus para, em seguida, observarmos outras cenas presentes no ícone. Por fim, notamos que o ícone da Natividade já aponta para a Ressurreição, e que esse mistério não diz respeito apenas ao ser humano, mas remete à toda a Criação.

PALAVRAS-CHAVE: Natividade; Presépio; Encarnação; Andrei Rublev.

CONTEMPLATE THE CHRISTMAS: THE REPRESENTATIONS OF THE NATIVITY ICON IN SACRED ART

ABSTRACT: The aim of this text is present and theologically develop the symbolisms in the scene of the Birth of Jesus (Nativity). To assist in this task, we draw heavily on authors from the orthodox tradition, who have icons as a central element in their faith. The first step of our exposition refers to the meaning given by St. Francis of Assisi to the nativity scene; hereafter we dwell on the icon of the Nativity written by Andrei Rublev, in the 15th century. The core meaning of these symbols naturally develops the meaning of

the Incarnation itself - bearing witness to the tenets of the Christian faith. In the icon, however, there is also a concern to show the effect of the Mystery on the life of the world. For this reason, we will go through the icon, firstly developing the symbolisms expressed by the figure of the Child Jesus, and then, we will observe other scenes present in the icon. Finally, we note that the icon of the Nativity already points to the Resurrection, and that this mystery does not only concern the human being, but refers to all of Creation.

KEYWORDS: Nativity; Crib; Incarnation; Andrei Rublev.

1 | O PRESÉPIO, MANIFESTAÇÃO DO MISTÉRIO



Figura 1: Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

O ano litúrgico se inicia no tempo do Advento, que é o tempo de preparação para a celebração do Natal. A representação iconográfica deste tema, que também costumamos chamar de Natividade, remonta aos primeiros séculos do cristianismo. A Natividade é a cena anunciada pelo Evangelista Lucas (Lc 2, 10), uma grande alegria ao mundo.

O presépio, por sua vez, é um pouco mais recente: atribui-se a ideia de fazê-lo a São Francisco de Assis. Sabemos, contudo, que o presépio já existia na sua época (o presépio

já pertencia aos hábitos de festas nas catedrais romanas e outros lugares); o seu presépio, porém, foi o ponto alto da pregação, proporcionando a manifestação do nascimento de Jesus, seus sofrimentos e morte.

A especificidade franciscana, portanto, é que em sua representação Jesus não era fantasia, romantismo. A dimensão explorada aqui é aquela que une o nascimento de Jesus ao mistério litúrgico. Para ele, Jesus é o Filho de Deus que se une ao tempo e à criação que é boa (Gn1,25). Francisco trouxe, então, o acontecimento do *passado* para o *presente*. No centro da liturgia está a anamnese, a memória da Encarnação, o encontro do Filho de Deus com a humanidade.

A Encarnação é o grande Mistério de Deus revelado. Na Encarnação, “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Se pudermos falar em uma diferença substancial entre o cristianismo e outras religiões, ela envolverá, certamente, a novidade essencial de que no cristianismo Deus se fez Homem.

Cristo, nascido sob o reinado do imperador Augusto e morto sob Pôncio Pilatos, viveu como homem uma vida colocada no espaço e que se desenvolveu no dinamismo do tempo. Mas, inseparavelmente unida à Palavra de Deus, toda a sua personalidade, com todas as suas ações, participou da eternidade de Deus. Sua carne humana é divina, divina e eterna. Por isso, não apenas acreditamos em Deus, mas também em Deus-Homem. Deus e o homem como revelados em Jesus Cristo são parte de nossa crença.

De fato, no Credo professamos: “Creio em um só Deus... em um só Senhor Jesus Cristo... por nós, homens e para a nossa salvação, desceu do céu e, pelo poder do Espírito Santo, encarnou-se no seio da Virgem Maria e se fez Homem”.

No presépio de Greccio, Francisco colocou o boi e o asno; convocou também alguns frades e o povo, mas a manjedoura estava vazia – sem o Menino-Deus – porque, no Natal, Ele deve nascer no coração de cada um. Este é o verdadeiro presépio! (TOMMASO, 2022, prefácio).

2 | CONTEMPLANDO OS SÍMBOLOS DA NATIVIDADE

Para contemplarmos melhor os símbolos que perpassam este tão belo acontecimento, gostaria de abordar o ícone da Natividade, conforme a figura 1.

O ícone da Natividade de Cristo tem dois aspectos fundamentais:

- 1) Revela a própria essência do evento, o fato imutável da Encarnação de Deus; nos coloca diante de um testemunho visível do dogma fundamental da fé cristã, salientando por seus detalhes tanto a Divindade quanto a natureza humana do Verbo que se fez carne.
- 2) Mostra o efeito desse evento sobre a vida natural do mundo, dando-nos como que uma perspectiva de todas as suas consequências (OUSPENSKY; LOSSKY, 2003, p. 143).



Figura 1a: Detalhe do Ícone da Natividade.

Do ponto de vista do significado e composição, o centro do ícone, ao qual todos os detalhes se relacionam de uma forma ou de outra, é o Menino Deus envolto em faixas, deitado na manjedoura, como podemos observar na figura 1a. O ícone (1a) ainda destaca como cenário de fundo a caverna escura onde Ele nasceu. Segundo São Máximo, o Confessor (580-662), “A Encarnação é o centro ao qual convergem todas as linhas do cosmo, por isso, as primeiras imagens da Natividade colocavam em evidência a manjedoura de Jesus.” (ŠPIDLÍK, RUPNIK, 2017, p. 35).

A manjedoura e as faixas são mencionadas no Evangelho de Lucas (2, 7): “e envolveu-o em faixas, e deitou-o numa manjedoura”. Elas ainda são o sinal distintivo dado pelo anjo, pelo qual os pastores deveriam reconhecer o Menino, seu Salvador: “Isto vos servirá de sinal: achareis o bebê envolto em faixas e posto numa manjedoura.” (Lucas 2, 12). O tropário¹ nos diz que a manjedoura era a oferta do deserto à Criança Divina. O significado desta oferta é revelado nas palavras de São Gregório de Nazianzeno: “Curva-te diante das manjedouras através das quais tu, que eras mudo, és formado pela Palavra”² (isto é, você cresce, alimentado pelo pão da Eucaristia). A manjedoura antecipa, ainda, a dimensão eucarística: ela é o lugar aonde os animais voltam sempre para se alimentar; por isso, Jesus nasce e ali aninhado já antecipa que se dará em alimento no sacramento da

1 Tropário: estrofe de origens antigas, que resume o mistério da festa ou as características do santo. É cantada na liturgia eucarística e repetida em todas as Horas do Ofício divino.

2 Homília 38. Sobre a Natividade. P.G. 36, 316 B

Eucaristia.

Nos deparamos, ainda, com os animais: tradicionalmente um boi e um asno. Os Evangelhos não falam deles. No entanto, em todas as imagens da Natividade de Cristo, eles estão próximos à Criança Divina. O lugar deles, no centro do ícone, aponta para a importância dada pela Igreja a esse detalhe. É nada menos que o cumprimento da profecia de Isaías (1, 3), que tem um significado instrutivo muito profundo: “O boi conhece o seu possuidor, e o asno, o estábulo do seu dono; mas Israel não conhece nada, e meu povo não tem entendimento”. Pela associação entre o nascimento de Jesus e a profecia de Isaías, simbolizada pelos animais, somos chamados ao conhecimento e à compreensão do Mistério.

No ícone, ainda tomamos conhecimento da gruta, local da Natividade, citada no evangelho apócrifo de Tiago, 18,1 (PASSARELLI, 2005, p. 97). A montanha representa um dos lugares privilegiados das Sagradas Escrituras para as revelações de Deus, enquanto a gruta é o ponto mais baixo da *kenosis*³ divina, pois a escuridão é o símbolo do pecado. Jesus nasce nesse lugar sombrio, aquecido pelos animais, porque veio assumir para si o mal do mundo.

Em uma homilia de São Gregório de Nazianzeno encontramos uma comparação feita entre o nascimento de Cristo em uma caverna e a luz espiritual resplandecendo na sombra da morte que envolve a humanidade. A abertura negra da caverna no ícone é, em seu significado simbólico, precisamente este mundo, atingido pelo pecado devido à falta do homem, no qual “o Sol da justiça” resplandeceu (OUSPENSKY; LOSSKY, 2003, p. 144).

3 Kenosis: Palavra grega que significa “esvaziar-se”, “aniquilar-se”; encontrou seu significado cristão no texto da epístola de São Paulo aos Filipenses: “Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fil. 2:7-8).



Figura 1b: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

Por fim, vale notar que o cenário do evento é o deserto (figura 1). Trata-se, nesse caso, de um lugar vazio e desabitado, que ofereceu refúgio ao Salvador, que desde Seu nascimento o mundo não aceitou, foi o cumprimento da prefiguração do Antigo Testamento – o deserto onde o maná, símbolo da Eucaristia foi dado. Aquele que tinha feito chover maná do céu – sobre o povo judeu, Ele mesmo tornou-se o pão da Eucaristia – o Cordeiro, colocado sobre o altar, cujo símbolo é a manjedoura trazida pelo deserto do Novo Testamento como uma oferta ao Menino-Deus.

Caverna, manjedoura, vestes de faixas – são indicações da *kenosis* da Divindade, de Seu abaixamento, da total humildade d’Aquele que, invisível em Sua natureza, torna-se visível na carne pelo bem do homem, nasce em uma caverna, é envolto em vestes de faixas, assim prefigurando Sua morte e sepultamento, o sepulcro e as vestes funerárias (Ouspensky; Lossky, 2003, p. 144).

3 | A MÃE DE DEUS

Olhando para o ícone da Natividade de Cristo, a primeira coisa que chama nossa atenção é a posição da Mãe de Deus e o lugar que Ela ocupa. Nesta “festa de recriação”,

Maria é “a renovação de todos os nascidos na terra”, a nova Eva. Assim como a primeira Eva se tornou a mãe de todos os viventes, também a nova Eva se tornou a Mãe de toda a humanidade renovada, deificada através da Encarnação do Filho de Deus. Ela é a mais elevada ação de graças a Deus, que o homem, dentre todos os seres criados, traz para o Criador. Com esta oferta na pessoa da Mãe de Deus, a humanidade caída dá o consentimento para sua salvação através da Encarnação de Deus.



Figura 1c: detalhe do Ícone da natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev

Este papel da Mãe de Deus é enfatizado graficamente, destacando-se entre as outras figuras por Sua posição central e, às vezes, por Seu tamanho. Ela está deitada próxima ao Bebê, mas comumente já fora da caverna, em uma cama, do tipo daquelas que os judeus levavam consigo em suas viagens. A postura da Mãe de Deus é sempre cheia de profundo significado e está imediatamente conectada com questões dogmáticas, que surgiram em diferentes épocas ou lugares. As alterações dessa postura enfatizam, de acordo com a necessidade, ou a natureza divina ou a natureza humana do Salvador.

Assim, em algumas imagens, Ela está meio sentada, o que aponta para a ausência no caso d'Ela dos sofrimentos habituais e, portanto, para a natureza virgem da Natividade e a origem Divina do Menino Deus (contra o erro nestoriano⁴). Mas na grande maioria das imagens da Natividade de Cristo a Mãe de Deus está deitada, mostrando em Sua postura uma grande lassidão, que deve lembrar aos que oram acerca da natureza indubitavelmente

4 O Nestorianismo foi uma doutrina proposta pelo Arcebispo de Constantinopla Nestório (428 – 431) que destaca as diferenças da natureza divina e humana de Jesus Cristo. A teoria, que também foi considerada heresia pela Igreja Católica, rejeita o título de Mãe de Deus (Theotokos) para Maria.

humana do Bebê, “a fim de que não se suspeite que a encarnação seja uma ilusão”, como afirmavam os hereges (como é o caso na figura 1 e 1c).

4 | TESTEMUNHAS DA ENCARNAÇÃO

Ao redor do grupo central – a Criança Divina e Sua Mãe – estão reunidos todos os detalhes que, como já dissemos, testemunham a própria Encarnação e seus efeitos sobre todo o mundo criado.

Os anjos realizam um serviço duplo: eles glorificam e trazem as boas novas. Em um ícone, isso é normalmente expresso pelo fato de alguns deles voltarem-se para cima e cantarem glória a Deus, outros se inclinarem para baixo, para os homens, a quem trazem as boas novas (figura 1d).



Figura 1d: Detalhe do Ícone da Natividade.

Nas figuras 1e e 1f, encontramos os pastores e os “magos”, respectivamente. Cada grupo fica de um lado da caverna. Os pastores são mostrados ouvindo a mensagem dos anjos; e muitas vezes um deles está tocando flauta, adicionando assim arte humana – música – ao coro dos anjos. Do outro lado da caverna estão os magos, guiados pela estrela. Eles são representados como caminhando ou, como no ícone Andrei Rublev, cavalgando com presentes. De um lado estão os pastores – homens simples, rejeitados pois eram

impedidos de entrar no templo pela má reputação, mas com os quais o mundo do alto entra em comunicação diretamente, em meio à vida cotidiana deles de trabalho –, do outro estão os magos – homens do saber, que têm que realizar uma longa jornada a partir do conhecimento do que é relativo ao conhecimento do que é absoluto, através do objeto que eles estudam.

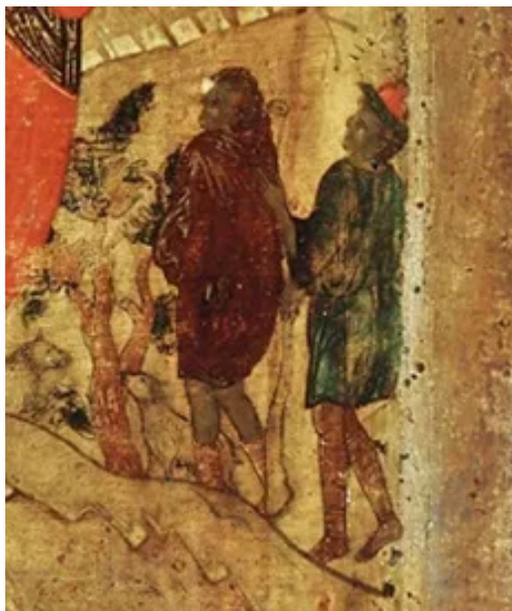


Figura 1e: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

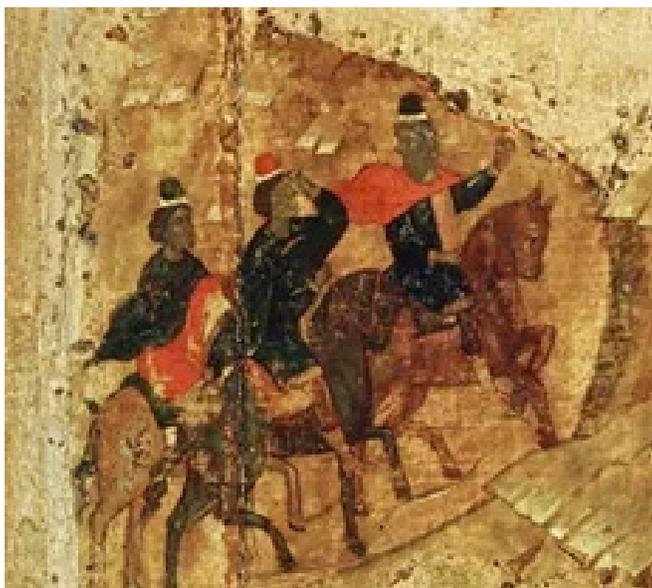


Figura 1f: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

Nos pastores, os primeiros filhos de Israel a adorar o Bebê, a Igreja vê o início da Igreja judaica, e nos magos – “o início das nações” – a Igreja dos pagãos. Na adoração por estes magos, a Igreja testemunha que aceita e santifica toda a ciência humana que conduz a ela, desde que a luz relativa da revelação não-cristã traga aqueles que a servem para a adoração da luz absoluta. Deve-se notar que os magos são representados como tendo idades diferentes, o que enfatiza o fato de que a revelação é dada aos homens independentemente dos seus anos e experiência mundana. Outro fato a ser observado é a presença dos cavalos ao invés de camelos, que os russos não conheciam (figura 1f).

Nos deparamos, ainda, com um longo raio da estrela que aponta diretamente para a caverna (figura 1g). Este raio conecta a estrela com uma parte da esfera que vai além dos limites do ícone – uma representação simbólica do mundo celestial. Dessa forma, o ícone mostra que a estrela não é apenas um fenômeno cósmico, mas também um mensageiro do mundo do alto, trazendo as novas notícias sobre o nascimento d’Aquele que é “celestial sobre a terra”. É aquela luz que, de acordo com as palavras de São Leão Magno, estava escondida aos judeus, mas que resplandeceu para os pagãos (OUSPENSKY; LOSSKY, 2003, p. 146).



Figura 1g: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

Em um canto inferior do ícone, duas mulheres estão lavando a Criança (figura 1h). Esta cena é baseada em uma tradição, que também nos é transmitida pelos Evangelhos

apócrifos de pseudo-Mateus e pseudo-Tiago. As duas mulheres são as duas parteiras que José trouxe para a Mãe de Deus. Esse acontecimento da vida cotidiana mostra claramente que o Menino-Deus é como qualquer outra criança recém-nascida e está sujeita às exigências naturais da natureza humana. A cena do banho aponta para o batismo, uma vez que a bacia tem a forma de uma fonte batismal.



Figura 1h: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

5 | JOSÉ, O JUSTO

Outro detalhe enfatiza que na Natividade de Cristo “a ordem da natureza é superada” – e este é José.

Ele não faz parte do grupo central do Filho e Sua Mãe; ele não é o pai e está enfaticamente separado deste grupo. Diante dele, sob o disfarce de um pastor velho e curvado, encontra-se o diabo tentando-o. Em alguns ícones, ele é representado com pequenos chifres ou uma cauda curta. A presença do diabo e seu papel de tentador adquire um significado particularmente profundo em relação a esta “festa de recriação” (Ouspensky; Lossky, 2003, p. 146).

Aqui, com base na tradição, o ícone transmite o significado de certos textos litúrgicos que falam das dúvidas de José e do estado inquieto de sua alma. Este estado é expresso no ícone por sua atitude desanimada e é enfatizado pela abertura negra da caverna, que às vezes serve de pano de fundo para sua figura.



Figura 1i: Detalhe do Ícone da Natividade. Século XV. Galeria Tretiakov, Moscou. Andrei Rublev.

A tradição, transmitida também pelos apócrifos, relata como o diabo tentou José dizendo-lhe que um nascimento de uma virgem não é possível, sendo contrário às leis da natureza. Este argumento, assumindo formas diferentes, continua reaparecendo ao longo de toda a história da Igreja, sendo a base de muitas heresias. Na pessoa de José, o ícone revela não apenas seu drama pessoal, mas o drama de toda a humanidade – a dificuldade de aceitar aquilo que está “além das palavras ou da razão” – a Encarnação de Deus.

José está envolto em um manto verde, da cor da criação, porque ele é um descendente de Adão, filho da terra. Enquanto ele aponta para a mão em sua bochecha, ele está refletindo sobre o que aconteceu de extraordinário. Olha para o céu, para o verdadeiro Pai do Menino-Salvador, perguntando-se: «De onde vem este menino?». Sua hesitação representa as dúvidas de toda a humanidade, que acha difícil acreditar que o Filho de Deus possa nascer com uma genealogia humana. É preciso ouvir a fé para poder acolher esta criança e tornar-se sua guardiã. A fé de José – e a nossa – é necessária para que Jesus cresça e cumpra a sua missão de Salvador (Ouspensky; Lossky, 2003, p. 146).

Em alguns ícones, a Mãe de Deus é representada olhando para José. São diversas as possibilidades de olhar de Maria, aliás: em alguns ícones, ela olha para o Menino-Jesus “guardando em seu coração” as palavras sobre Ele; em outros, olha diretamente diante d’Ela para o mundo externo (como na figura 1); e ainda olha para José como se

expressasse por este olhar compaixão pelo estado dele. Nisso o ícone ensina uma atitude tolerante e compassiva para com a descrença e a dúvida humana (OUSPENSKY; LOSSKY, 2003, p. 147).

6 | A CRIAÇÃO

Por fim, convém perceber que toda a criação participa deste evento: as estrelas celestiais e as criaturas terrestres. Se antes de Cristo se pensava que todos nasciam sob uma estrela da qual dependia o seu destino, com Cristo a estrela submete-se a ele e serve como um indicador para mostrar o local do seu nascimento. Ou seja, Cristo nos liberta do determinismo cósmico. Não somos filhos da terra nem mesmo do acaso: somos filhos livres de Deus. Representando as criaturas animais estão o burro e o boi, os dois animais “proféticos”, mencionados por Isaías (Is 1,3). Como diz a liturgia bizantina, a terra oferece a gruta, os animais enviam seus representantes, a Virgem a humanidade.

7 | A REDENÇÃO

A Encarnação de Cristo inaugura a nova História da ascensão dos homens e do cosmo na glória da divinização, como uma extensão da Encarnação à toda criação, a redenção universal. Por morte de cruz, desceu ao Hades para preencher de si mesmo todas as coisas, Cristo pôs fim às dores da morte, como diz São Basílio Magno na liturgia do Sábado Santo (ŠPIDLÍK; RUPNIK, 2010, p. 218).

Com o pecado original, há uma queda da natureza, que em Cristo é resgatada:

“Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada. Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), todavia, com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia.” (Rm 8, 17-22).

A partir da Encarnação, a plenitude da divindade habita entre os homens no corpo de Cristo. N’Ele nossa humanidade entra em comunhão com o Pai. A partir daí o Reino vem a este tempo para fazê-lo passar para o tempo eterno, do cronos ao kairós. Cristo ressuscitado está dentro do nosso tempo, porque no momento de sua morte de cruz rasgou-se o véu do templo e abriu-se uma brecha na plenitude do tempo que leva o nosso tempo à sua consumação. Nesse sentido, Cristo está diante de nós, no futuro. A sua vida histórica, tão preciosa em si mesma, é o prelúdio de uma vida muito mais ampla, a do seu corpo – a humanidade redimida – ao longo da história do mundo. Assim, uma leitura atenta das Escrituras nos introduz na presença viva do Ressuscitado, o Redentor Universal, que nos mostra o nosso futuro, nos ajuda a garantir que o que vemos deixa o que ainda não

vemos e nos contagia com o dinamismo que vem da escatologia. Compreendemos então por que os primeiros cristãos amaram a invocação de Maranathá e quiseram ser aqueles que têm pressa com desejo do advento, o dia do Senhor (cf. 2 Pd 3,12; CAMPATELLI, 2009, p.209-210).

O amor faz o mundo, Cristo transfigurou secretamente o universo. Este cosmos recordado recriado e iluminado nos é oferecido no mistério da Igreja. É o nosso enraizamento inexpugnável, não só celestial, mas terrestre, nossa terra celeste e nosso céu terrestre, a fonte de um pensamento eucarístico, o único capaz de dominar a revolução técnica. (CLEMENT, 2007, p. 126).

O ícone da Natividade nos revela em sua simbologia que tudo – a humanidade e o cosmo – é reconduzido até Cristo, o único Senhor.

REFERÊNCIAS

CAMPATELLI, Maria. **Leggere la Bibbia com i Padri**: per una lettura credente delle Scritture. Roma: Lipa Edizione, 2009.

CLÉMENT, Olivier. **Il senso della terra**. Il creato nella visione cristiana. Roma: Lipa Edizione, 2007.

OUSPENSKY, Léonide; LOSSKY, Vladimir. **Le sens des icônes**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.

PASSARELLI, Gaetano. **Ícones: des grandes fêtes byzantines**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.

ŠPIDLÍK, Tomáš; RUPNIK, Marko Ivan. **Una conoscenza integrale: la via del simbolo**. Prima edizione, 2010. Roma: Lipa Edizione, 2018.

TOMMASO, Wilma Steagall De. **A representação da Natividade na arte ao longo dos séculos**. off-lattes, 22/12/2020. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/7180>.

TOMMASO, Wilma Steagall De. Prefácio. In: Adriano César de OLIVEIRA. **São Francisco de Assis e o Natal: com obras de Marko Ivan Rupnik e Centro Aletti**. Belo Horizonte: Espaço Frater, 2022.

A

Andrei Rublev 24, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Antigo Testamento 4, 7, 29

B

BNCC 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

C

Canon 1, 2, 3, 4, 6, 7

Cultura de paz 18, 38, 40, 42, 45, 53, 57, 58, 59

E

Educação 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 38, 39, 40, 60, 61, 63, 64, 65

Encarnação 24, 26, 27, 30, 31, 35, 36

Ensino religioso 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

N

Natividade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37

P

Presépio 24, 25, 26

R

Recurso didático 8

S

Sagrado 14, 38, 40, 42, 50, 53, 54, 58, 59, 61, 62, 65

T

Teologia 7, 20, 23, 24, 63, 64

V

Violência escolar 38, 42, 45, 47, 54, 56, 57, 59, 60

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 